

Japão também é aqui!

Tradições renovadas

Undokai e Bon
Odori reúnem
histórias e
integram culturas

página 8

Destino Bauru

Viaje pelas memórias
dos imigrantes e seus
descendentes

páginas 3 e 4

Da terra do sol nascente

Conheça as artes marciais
japonesas e aprenda a fazer um
saboroso *sukiyaki*

páginas 7 e 16



Artigo

Olhos de madeira

O estranhamento que se transforma em assimilação cultural

por Maria do Carmo Monteiro Kobayashi*

Pertencer à colônia nipônica e viver há mais de três décadas junto dos isseis e seus descendentes; nas gerações nascidas no Brasil, *nisseis* — *ni* de dois, *sanseis* — *san* de três, mostrou-me uma realidade bem diferente daquela que os brasileiros conhecem sobre os japoneses. A visão cotidiana que se tem desse povo esconde peculiaridades que o tempo e a paciência nos mostra com muita sutileza, guardada a sete chaves, as quais serão abertas para poucos.

As imagens veiculadas na mídia sobre os japoneses e seus descendentes nos restaurantes japoneses, tão em moda atualmente, que pouco retratam a verdadeira culinária tradicional; das lojas na Liberdade, bairro típico de São Paulo, que há muito retratou parte dos usos e costumes, hoje restritos aos espaços do Bunkiyo, aos restaurantes pequenos e quase desconhecidos, às aulas de japonês em vários centros culturais ou clubes nipo-brasileiros, como aqui em Bauru, que mesclam descendentes de japoneses e apaixonados por mangás. Entretanto, são mínimos os detalhes, e pouco perceptíveis para o *gaijin*, ou melhor, aos estran-

geiros das tradições desse povo.

A palavra *gaijin*, por muito tempo me assombrou, pois mostrava a minha “estrangeiriza” junto à minha família, marido e filhos — eles sim, eram parte de um outro padrão físico, cultural, emocional, coisa que me identifiquei ao ler “Olhos de Madeira”, de Carlo Ginzburg, quando ao se referir ao olhar do estranho — do selvagem, do camponês, do animal — a capacidade de desvendar as mentiras, no meu caso as sutilezas de uma cultura milenar fechada aos estrangeiros. Hoje, meus olhos não percebem mais tais diferenças,

isso me leva a entender que sou parte deles e, em poucas vezes, me vejo no olhar do estranho, do estrangeiro. Tal sentimento tem provas que me mostram que sou uma deles, por exemplo, a negação do meu nome e da minha origem brasileira.

Pois, frequentemente, me perguntam de onde é meu “Kobayashi”, e quando respondendo que a família do meu marido é de Bastos, eles, novamente, perguntam e a sua de onde é? Outro fato é a exclusão do meu sobrenome — Monteiro, conhecido por poucos.

Nas festas que a colônia organiza, nas quais materializa-se o espírito de união e de grupo — próprio desse povo. Como por exemplo, o Bon Odori, festa em homenagem e honra aos ancestrais com músicas e danças tradicionais, muito antigas, mas que mantém nas coreografias os movimentos precisos que expressam, em gestos, o significado das músicas, permitindo a sua compreensão mesmo aos que não entendem a língua japonesa. Dos membros mais jovens aos mais idosos - todos, literalmente, entram no

clima da festa. Outro acontecimento importante, para nós, é o Undokai, ou dia do exercício — o preparo demanda meses, para que tudo saia o mais fiel aos anos anteriores, para que a tradição se mantenha. Há provas adequadas para todas as idades, das crianças muito pequenas aos idosos. Nas barracas, pode-se notar o hibridismo cultural, com comidas típicas — bandejas de *onigiri* (bolinhos triangulares de arroz), *sushi*, *tempura*, tapioca, pastel, sucos entre outros alimentos.

Entretanto, ao ser questionada sobre onde o espírito japonês mais vivo está, respondo com rapidez: nos *mukashis banashi*, ou histórias antigas, passadas há muito tempo. São nelas que as crianças aprendem os valores culturais, os saberes dos seus antepassados — o papel dos entes vivos na natureza, dos animais, das plantas, do céu, da terra do fogo e do ar, dos sentimentos como a gratidão, o qual recorro ao meu conto preferido “Tsuru no ongaeshi” — ou “A Gratidão do Grou” — o qual nos mostra o que é mais caro aos japoneses: a honra e a gratidão.

“Hoje, meus olhos não percebem diferenças. Sou parte deles. Poucas vezes me vejo no olhar do estrangeiro”

* Professora do Departamento de Educação da Faculdade de Ciências (FC) da Unesp-Bauru. Vice-presidente do Clube Cultural Nipo Brasileiro de Bauru entre os anos de 2008 e 2012

Expediente

Ano 1 - nº 1 - fevereiro de 2014

Tiragem: 10 exemplares

Coordenação: Cláudio Bertolli Filho

Planejamento: Carolina Seiko
Felipe GodoyTextos: Carolina Seiko
Felipe GodoyDireção de arte: Carolina Seiko
Felipe Godoy

Arte e foto da capa: Felipe Godoy

Impressão: Dagra Services

“O Japão também é aqui!” é um suplemento que faz parte da série “Bauru de todos”, que tem periodicidade mensal

Projeto de Conclusão do Curso de Jornalismo na Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Campus Bauru, fevereiro de 2014

Além do concreto e do asfalto

Bairros e ruas da cidade contam histórias do Japão

por Felipe Godoy

À primeira vista, Bauru não demonstra ter recebido grande influência da imigração japonesa, mas é só dar uma passada na região central da cidade para encontrar várias pastelarias com nomes orientais – inclusive nipônicos, para quem consegue diferenciá-los. Além desses típicos comércios, outros espaços urbanos foram construídos especialmente em comemoração ao Cinquentenário e Centário da Imigração Japonesa no Brasil, que são a Praça das Cerejeiras e a Praça Kasato Maru, respectivamente. Segundo estimativa do Clube Cultural Nipo Brasileiro de Bauru, a cidade conta atualmente com cerca de 2500 famílias com ascendência nipônica, formando uma comunidade numerosa em comparação com outras cidades do estado.

Com base em levantamentos feitos pela Câmara Municipal de Bauru, há cerca de 35 logradouros públicos na cidade que foram batizados com nomes de origem japonesa ou que façam referência à cultura nipônica. Um desses casos é o da rua Ryosaku Mori, situada na Vila Independência. Mori nasceu na província japonesa de Gunma. Chegou em Itararé com seus dois filhos em 1932 para trabalhar na lavoura. Depois de passar por várias cidades, em 1935, chegou a Bauru. “Residiu na rua Floresta onde instalou uma academia de judô, pois era um exímio lutador. Faleceu em 1975, com 94 anos”, explica o historiador Irineu Bastos.

Arquivo do Clube Cultural Nipo Brasileiro de Bauru



Nobuji Nagasawa durante mandato como presidente do Clube Nipo

Quem foi Nobuji Nagasawa?

Talvez o exemplo mais claro da influência japonesa na cidade se encontre no Núcleo Habitacional Nobuji Nagasawa. Mas não é neste bairro que você vai encontrar postes ou praças com ares orientais. O Núcleo, localizado próximo ao bairro Mary Dota, tem em esse nome em homenagem a um importante membro da comunidade nipônica de Bauru. “No bairro moram alguns japoneses, mas não muitos”, revela Ana Paula Bagnol Lopes, 42, dona de um mercado que funciona há treze anos no Núcleo. Mesmo sem saber quem foi o homem que dá nome ao local onde mora, ela se mostra muito apegada ao lugar e às pessoas que lá vivem. “Eu adoro meu bairro, adoro minha clientela e gosto do que eu faço. Não gosto que ninguém fale mal do meu bairro, até brigo. O que puder fazer pra ajudar eu faço”, ressalta. Mas ainda resta uma dúvida: quem foi Nobuji Nagasawa?

“Meu pai trabalhou muito pela sociedade e sempre seguiu a sua filosofia de viver intensamente”, responde Junji Nagasawa. Nascido no dia 26 de março de 1911, Nobuji veio sozinho ao Brasil aos 18 anos e por aqui ficou. “Ele nunca pensou em desistir, em voltar atrás, mantinha o pensamento sempre à frente. Ele sempre quis se estabelecer no Brasil”, relata Junji.

Após trabalhar em propriedades rurais na região de Araçatuba e Lins, Nobuji arranhou um emprego no comércio de Lins e logo se destacou por seu jeito dinâmico e empenho. Então ele foi convidado para trabalhar como gerente numa fábrica de implementos agrícolas. Pouco tempo depois, uma empresa da cidade precisava montar uma fábrica de macarrão em Bauru e o chamou para assumir a gerência. Nobuji aceitou o convite e mudou-se para cá em 1935.

Chegando à cidade, se integrou rapidamente à sociedade por meio de sua personalidade comunicativa e a intensidade com que fa-



Portal Torii da Praça Kasato Maru, no Jardim Terra Branca. No Japão está presente em locais sagrados, enquanto aqui simboliza a cultura nipônica

zia todas as coisas. Em questão de anos, já havia se tornado um industrial de sucesso. Junji conta que seu pai era respeitado em vários segmentos da sociedade. “Ele se tornou um elo entre a colônia japonesa e os brasileiros, era uma pessoa muito influente. Como se apaixonou pelo futebol, trabalhou para o Esporte Clube Noroeste durante muitos e muitos anos, onde foi tesoureiro, conselheiro e chefe de delegação”.

“Meu pai nunca pensou em desistir, em voltar atrás, mantinha o pensamento sempre à frente. Ele sempre quis se estabelecer no Brasil”

Junji Nagasawa sobre a perseverança de seu pai, Nobuji Nagasawa

conta da guerra, via os japoneses como inimigos do país. Junji completa dizendo que seu pai sofreu grande perseguição da polícia, sendo inclusive detido e tendo passado cerca de seis meses preso em São Paulo. “Ficou lá até que conseguisse provar que não se tratava de um ‘terrorista’ ou ‘traidor da pátria’. E meu pai não era nada disso, ele queria ser brasileiro”. E con-

Junji lembra que existia um consulado japonês em Bauru, mas, com o início da Segunda Guerra Mundial, o cônsul retirou-se da cidade. Porém, antes de partir, ele deixou Nobuji encarregado de cuidar dos interesses dos japoneses que aqui ficaram. Mas, com essa incumbência, ele despertou a suspeita do Departamento de Ordem Política e Social (DOPS), que por



Vista do Núcleo Nobuji Nagasawa

seguiu – alguns anos mais tarde, Nobuji Nagasawa naturalizou-se.

Nobuji também foi um dos responsáveis por trazer a igreja Seicho-No-Iê para Bauru, além de ter criado um círculo orquidófilo e um cineclub. Falecido no dia 18 de abril de 1995, aos 84 anos, Nobuji viveu sob um lema que o levou a conquistar quase tudo que sonhou: “sou único, só tenho uma vida, e se não vivê-la intensamente não valerá a pena ter nascido”.



Masae recorda os primeiros anos no Brasil ao lado da filha Mieko



Masae e seu marido Kumaji Nishio antes de chegarem ao Brasil

Fotos: Arquivo da família Nishio



Uma geração e dois caminhos

Mãe e filha contam suas histórias de vida – no Japão e no Brasil

por Carolina Seiko

Os *isseis* são japoneses que deixaram seu país natal para viver em outro. Mas o foco de muitos continuava no Japão – a maior parte dos que atravessaram oceanos para chegar ao Brasil veio com o sonho de voltar o quanto antes. Trabalhar nas fazendas de café era a promessa de mudança financeira. “O meu marido falou: ‘vamos para o Brasil. Em 10 anos a gente forma uma fortuna e volta para casa’. Quando esse tempo passou, percebi que não tínhamos dinheiro para a passagem”, relembra, entre risos, Masae Nishio, 86. Ao saber disso, ela abriu mão de sua herança deixando tudo para sua cunhada, com a intenção de cuidar de seus sogros. Masae chegou ao país com sua família em 1953, aos 26 anos. Paulo Matsui, 71, hoje fala orgulhoso que, no Japão, a sogra tinha um bom físico e jogava vôlei. Pouco antes de se casar, em tempos de Segunda Guerra Mundial, Masae trabalhava nos correios, locais que funcionavam também como bancos. Para proteger o dinheiro de bombas, ela escondia tudo em buracos. “Um dia caiu uma bomba perto da minha casa, derrubando uma árvore. Abriu um buraco e vinha muita gente pra olhar. Meus pais pediam para eu fazer *onigiri* para o pessoal”, recorda.

No Brasil, Masae e sua família ficaram em Fátima do Sul, Mato Grosso do Sul, na colônia Matsubara. Mesmo com a morte do marido, há 20 anos, a *issei* permaneceu ali até 2010, quando mudou-se para a casa da filha, Mieko Matsui, 65, em Bauru. Masae explica que, quando chegou à colônia, foi sorteada com um dos melhores lotes, porém, como seus vizinhos e amigos começaram a ir para a cidade, ela optou por seguir o mesmo caminho. “Toda noite, por duas horas, eu ia ao Mobra para aprender a escrever, ler e falar. Era eu que explicava aos colegas de colônia o que eles tinham que fazer”, conta.

A situação na colônia não era das mais simples. Pra ter água em casa era preciso caminhar por dois quilômetros até o rio mais próximo. Para manterem as lavouras, eles contavam apenas com as chuvas. “Uma vez, eu e meu esposo pegamos malária. A gente teve que andar a pé uns 20 km até Fátima do

Sul para pegar um ônibus para a cidade de Dourados para depois ir a Campo Grande, para sermos tratados”, lembra Masae.

Aos 18 anos, Mieko veio a Bauru para estudar no internato da igreja Tenrikyo. Aqui, ela casou-se e não saiu mais. No entanto, o caminho percorrido pela *issei*, que chegou ao Brasil aos cinco anos, foi marcado por lágrimas e esforço. “Minha mãe falava: ou você vai puxar enxada ou vai estudar”, diz Mieko, entre os risos de sua mãe. A fim de prosseguir nos estudos no chamado ginásio, aos 13 anos, ela mudou-se para Dourados, distante 80 km de Fátima do Sul. “Morava na casa de uma mulher que tinha cinco filhos. Eu ajudava a limpar a casa, passar roupa... Levantava cedo para varrer a casa inteirinha, que era grande, deixar o café da manhã prontinho, antes de ir para escola. Tinha que acordar de madrugada para estudar para as provas. Eu colocava uma vela do lado para conseguir enxergar. Eu voltava para minha casa só no final do ano. Chegava a chorar de saudade”, recorda Mieko.

“Aqui as pessoas são mais tranquilas. No Japão, elas são muito exigentes e vivem apressadas”, compara Masae. Ao refletir sobre seus netos e bisnetos e sobre as mudanças ocorridas ao longo de tantos anos, a conclusão da *issei* é firme: “A geração de hoje não teve que conviver com sacrifícios”.

Enquanto isso em Bauru...

Em 1930, residiam 23 famílias de imigrantes japoneses. Dessas, 10 eram originárias da província de Okinawa. Peritos em produção de legumes e hortaliças, preferiram fixar-se às margens do córrego Água do Sobrado, aos arredores da atual Vila Independência. Seus descendentes vivem lá até hoje, fazendo do bairro o local com maior concentração da comunidade japonesa na cidade.

Ligados à terra

Amor pelo campo e manutenção das tradições mantêm o legado agrícola japonês ainda vivo

por Felipe Godoy

A partir do fim do século XVIII, para suprir a demanda de mão-de-obra na agricultura, gerada pelo fim do regime escravista, chegaram ao Brasil grandes levas de imigrantes. Por conta disso, os japoneses que aqui aportaram eram em sua maioria camponeses. Sua contribuição para o desenvolvimento da agricultura brasileira é inestimável e o legado deixado por eles permanece vivo através de algumas famílias que se dedicam ao cultivo da terra.

Esse é o caso da família Hokana. Moradores da Vila Independência, eles empenham-se na produção de hortaliças há mais de 50 anos. “Meu marido cresceu nessa casa. Era do meu sogro, aí quando ele faleceu a gente continuou tocando, num deu pra parar e eu gosto de mexer com a natureza”, conta Mirian Shinsato Hokana, 63, que chegou ao Brasil com os pais quando tinha apenas sete anos. “Antigamente não tinha muitas casas aqui por perto, foi a cidade que chegou até aqui”, completa a proprietária da chácara que é o último resquício da vocação agrícola dos antigos moradores da vila.

Também produtor de hortaliças, Mario Massanori Yonamine, 48, morador do distrito de Tibiriçá, acorda bem cedo e se dirige para a feira na Rua Virgílio Malta, próximo ao centro de Bauru. Observando a facilidade com que vende seus produtos, mal dá pra imaginar que já exerceu outra função. “Em São Paulo eu era bancário, mas desde criança eu sempre gostava quando ia pra chácara de um primo do meu pai, em Sorocaba. Também ia pra outras cidades do interior porque jogava beisebol contra os times dessas cidades. Aí sempre tava no meio do mato, e sempre gostei”, relembra. Desde essa época, Mario sabia que a vida que queria estava bem longe da capital. “Aí um dia eu resolvi pegar o carro e vir, aleatoriamente.

Fui até Avaí, conversando com um, com outro e aí eu achei uma propriedade que gostei. Voltei pra casa, pensei mais um pouco e trouxe a família pra ver. Todo mundo gostou, então vim pra cá”, relata.

Ele conta que no começo não pensava em ser feirante, mas precisava de uma fonte de renda para manter sua propriedade. Como nunca havia trabalhado no campo precisou de especialização. “Fiz muitos cursos, mais fora da cidade do que aqui em Bauru. Eram cursos, palestras, mas serviam mais pra você conversar com outras pessoas, outros produtores. Uma coisa é você ter aula teórica e outra é você aprender na prática. Não tem como ir à propriedade de cada um, porque todo mundo mora longe. Então pra tirar dúvida é na base da conversa”, conta o feirante que diz que essa é uma área saturada na cidade. “Bauru é como São Paulo, tem muita feira, muito supermercado e muito posto de gasolina. Esses três ramos, aqui estão lotados. Se você correr os bairros de Bauru você vai perceber que são três ou quatro feiras por dia, e que ainda são próximas”, reclama.

Mas nem todos os descendentes de japoneses mantêm uma relação estreita com o campo. Com a urbanização constante é cada vez mais difícil encontrar exemplos como o da família Hokana e do seu Mario Yonamine. Neto de japoneses, Fabiano Sato, 35, é proprietário de uma loja de *card games* e RPG (jogo de interpretação de papéis), *hobbies* tipicamente urbanos. Fabiano, que morou no Japão por sete anos, é a prova de que os interesses dos descendentes nipônicos mudou muito com o passar do tempo. “Eu trabalho com o que eu gosto. Jogo Magic e também jogo outro card game que eu trabalho, então é um trabalho prazeroso. Faço isso pelo prazer mesmo”, explica Sato.



Felipe Godoy



Carolina Seiko

Para Mario Yonamine, a vida de feirante tem um início difícil e forte concorrência. “Depende da sorte também”, afirma



Carolina Seiko

O orgulho da cultura viva

Clubes japoneses ajudam a preservar as tradições dos antepassados

por Felipe Godoy



Uma característica marcante da comunidade nipônica é a sua união. Seus membros procuram sempre se encontrar para alguma festividade, passar um tempo com os amigos ou prestar auxílio a seus pares. No Brasil, desde o início da imigração japonesa essa ligação foi fortalecida com a criação de clubes culturais e esportivos que agregavam esses imigrantes e seus descendentes. Praticamente toda cidade em que houve grande concentração de japoneses conta com um ou mais associações desse gênero dedicado a resgatar e apresentar as tradições do Japão. Em Bauru não foi diferente, esses locais passaram a ser vistos como pontos culturais da cidade e ano após ano realizam eventos de importância no calendário do bauruense, como a gincana Undokai e o Bon Odori.

Atual presidente do Clube Cultural Nipo Brasileiro de Bauru, Tétuo Itikawa, 75, conta que o clube surgiu em 18 de outubro de 1936 por iniciativa de imigrantes que residiam na cidade. “Na época, o pessoal queria ter uma escola para manter a tradição”, revela Itikawa, que afirma que o sonho de todos os japoneses era voltar ao Japão e dessa forma eles garantiam que seus filhos não se distanciariam da cultura, “mas nada é assim como a gente quer, né!”. Para o presidente, o objetivo do clube continua sendo o mesmo, manter certos costumes, mas hoje o clube é muito mais aberto em relação aos seus associados “temos algo em torno de 350 sócios, era pra ter muito mais, mas com a miscigenação da raça, eles acabam dispersando”.

Nas palavras de Itikawa, o clube já viveu momentos melhores, onde exercia maior influência na comunidade bauruense. Hoje, suas maiores preocupações são financeiras, “esse clube, pra ser tocado desse jeito tem que ser através de voluntários, se for pra pagar toda a mão-de-obra não consegue tocar. Então funcionário mesmo a gente tem bem poucos, o resto é tudo voluntário, e é gostoso viu”, salienta Itikawa.

Entre as atividades desenvolvidas pelo Nipo estão o *karoke*, tênis de mesa, dança de salão, *kendo* (arte marcial baseada no estilo de luta com espada dos samurais), futebol de salão, *haikai* (poesias



Fotos: Carolina Seiko

Neste ano, o Clube Cultural Nipo Brasileiro de Bauru completa 78 anos

curtas comuns no Japão) e o *taiko* (tambor japonês). Para participar dessas e das outras atividades promovidas pelo clube é necessário associar-se.

Não muito longe dali funcionam outros dois centros culturais que têm em comum a origem da maior parte de seus sócios, o arquipélago de Okinawa, situado ao sul do Japão. Kenjo Oshiro, 63, presidente da Associação Okinawa de Bauru, revela que clube foi criado em 1963 através do esforço de cerca de 40 imigrantes de Okinawa. “Eles queriam ter um ponto de encontro, até então as reuniões eram sempre feitas na casa de um ou outro”, explica.

Para Oshiro, a Associação também não passa por bons momentos financeiros. “A gente precisa abrir o leque, mas pra isso precisa ter condições de receber o pessoal. Houve um tempo que teve muito mais gente no clube. Nas décadas de 70 e 80, todo fim de semana tinha baile por aqui, com conjunto e tudo”, afirma.

Atualmente o clube conta com cerca de 65 famílias associadas, sendo a maioria absoluta dos sócios formada por japoneses e descendentes. Mas o desejo de Oshiro é que essa situação mude gradualmente, “a diretoria está aprovando a entrada de brasileiros, porque a ‘família’ Okinawa é muito pequena em Bauru. Os outros japoneses já frequentam o Nipo e tem também o outro clube do pessoal da família Kanashiro. Vontade e força a gente tem, não podemos desanimar, mas falta o financeiro”.

Entre as atividades desenvolvidas pela Associação Okinawa de Bauru estão os cursos de *origami* (dobraduras) e *shamisen* (instrumento de cordas japonês).

Célio Kiohaki Kanashiro, 54, conselheiro geral e descendente dos fundadores da Associação Cultural, Esporte e Lazer Okinawa Água do Sobrado (Acoas), ex-

plica que o terreno onde foi inaugurada a sede local do Acoas, em 1970, foi doado por sua avó, Kamado Kanashiro. “Lá existiam várias chácaras de imigrantes, que foram passadas pros herdeiros e depois loteadas. Os herdeiros acabaram fazendo casa e morando por lá, que é o meu caso. Nessa gleba que minha avó tinha, foi separada uma parte pra fazer o clube, outras partes foram doadas por herdeiros e por isso o clube funciona naquele loteamento.”

Assim como o Clube Nipo de Bauru, o Acoas começou como uma escola de língua japonesa que com o tempo se tornou um clube mais aberto e com atividades diversificadas. Atualmente, a Associação é composta por cerca de 80 famílias, totalizando 350 associados. “No começo era mais fechado. Hoje mudou e, se pegar o exemplo do pessoal que vem treinar *kung fu*, vem gente de todas as classes, das mais às menos favorecidas, então se tornou um clube aberto mesmo”, comenta Kanashiro, que também acredita que não exista qualquer rivalidade entre os clubes da cidade.

Gostou? Faça parte!

Clube Cultural Nipo Brasileiro

Rua Monsenhor Claro, 9-51,
Vila Mesquita
Telefone (14) 3223-2845

Acoas

Travessa Manshi Kanashiro, 2-39,
Jd. Ana Lúcia
Telefone (14) 9 9791-9180

Associação Okinawa de Bauru

Rua 12 de outubro, 11-80,
Vila São João da Boa Vista
Telefone (14) 9 9771-3939

Eu, meu maior adversário

Mais que competições, as artes marciais japonesas incentivam a superação dos próprios limites e o companheirismo

por Carolina Seiko



Onde? Igreja Aliança Cristã e Missionária
Treinos: sábados às 8h30
End: rua Sorocabana, 3-53 – Vila Ascensão
Tel: (14) 3234-5641

Judô

Foi em um tatame colocado em uma garagem que um grupo de amigos teve a ideia de implantar os treinos de judô na igreja em que frequentavam. Akimi Adachi, 30, 1º dan, é a sensei responsável pelo projeto. “Judô significa ‘caminho suave’. É uma arte que usa mente, equilíbrio e força para que o golpe seja perfeito”, explica a dentista. Atualmente, os treinos são mais voltados para crianças, mas com possibilidade de expansão. “A igreja apoiou a ideia, que é chamar as pessoas para Cristo por meio do esporte”, conta Akimi. Segundo a sensei, a atividade física em si, as trocas de faixa e os pequenos campeonatos organizados são grandes estímulos para a participação das crianças. “A amizade entre elas cresceu muito”, observa. Para participar, Akimi destaca que é preciso ter um quimono, mas que o projeto cede a vestimenta caso haja necessidade.

Jiu-jítsu

Afastado do esporte por uma lesão, Fábio Baio, faixa marrom, 29, viu a chance de voltar ao tatame quando soube do jiu-jítsu praticado em uma igreja. Ele passou a frequentá-la e, depois de três anos, assumiu o projeto que tem o intuito de evangelização a partir da arte marcial. “A gente prega no fim do treino”, explica o empresário. Os treinos são gratuitos e Fábio é voluntário. Sobre a arte marcial, ele ensina que o objetivo é finalizar o adversário por meio da submissão, alcançada por técnicas de imobilização ou estrangulamento. “No judô, caíu, acabou. No jiu-jítsu não, caíu, é aí que começa”, afirma. O estudante Gabriel Amantini, 21, treina a arte marcial desde 2009. “Eu já pratiquei um monte de esportes, mas o que eu gostei mesmo foi o jiu-jítsu. Acho que foi por causa da amizade que a gente tem com os outros. Apesar de ser um esporte individual, tem muito companheirismo”, observa o jovem.

Onde? Igreja Bola de Neve
Treinos: terças às 20h e sábados às 15h
End: av. Nações Unidas, 20-10
Site: boladenevebauru.com.br

Kendo

Ao mudar-se para Bauru em 2000, Reinaldo Mori, 3º dan, 33, não encontrou local para praticar kendo. Em 2004, conheceu outro praticante e, juntos, organizaram-se para treinar no Clube Nipo Brasileiro da cidade, onde atualmente é o instrutor voluntário responsável. Reinaldo explica que o kendo é uma arte marcial japonesa tradicional, com origem nas técnicas de manejo e luta com espadas utilizadas pelos soldados feudais – os samurais. “A principal diferença entre o kendo e as demais artes marciais, tais como esgrima, é a utilização da katana, uma espada japonesa”, esclarece. Para participar, é preciso associar-se ao Nipo e filiar-se à Confederação Brasileira de Kendo. Os praticantes iniciantes usam apenas o shinai (a espada de bambu) e, com o avanço no treino, experiência e autorização do sensei (mestre ou professor), podem comprar os demais equipamentos necessários. “Bauru compete há sete anos e obteve resultados expressivos nos campeonatos regionais, estaduais e nacionais”, comemora Reinaldo.

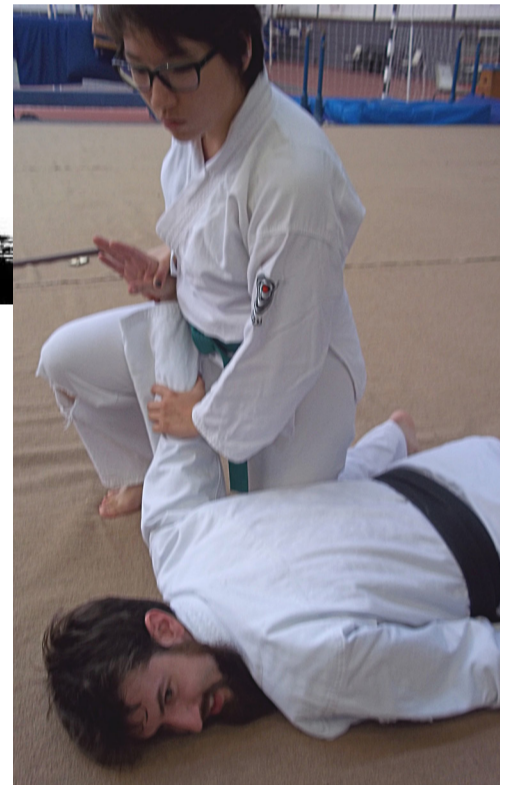


Fotos: Carolina Seiko

Onde? Clube Cultural Nipo Brasileiro de Bauru
Treinos: sábados às 15h
End: rua Monsenhor Claro, 9-51 Vila Mesquita
Tel: (14) 3223-2845

Aikido

Desde 2005, como projeto de extensão da Unesp de Bauru, acontecem os treinos gratuitos de aikido. Essa arte se diferencia das demais pois não existem competições. “O aikido foi criado pelo sensei Morihei Ueshiba na época da Segunda Guerra Mundial e ele visava justamente combater a própria guerra e esse espírito competitivo, então no aikido o máximo que temos é a demonstração”, explica Paulo Leal, 3º dan, 27, colaborador do projeto. As técnicas utilizadas são de imobilização por pressão, técnicas de projeção ou queda, e uma terceira que mistura as outras duas. “De um modo geral, as pessoas chegam ao aikido por conta dos filmes do Steven Seagal, que hoje não é mais praticante da arte. Outros vêm meio confusos, pensando se tratar de caratê ou judô, artes mais conhecidas no Brasil”, conta Paulo.



Onde? Praça de esportes da Unesp
Treinos: terças e quintas às 17h15, Sábados às 15h e às 16h
End: av. Luiz Edmundo Carrijo Coube, 14-01, Vargem Limpa
Tel: (14) 9 9654-1336

Caratê



Onde? Instituto Shitei
Mensalidade: R\$ 90,00
End: rua Aviador Gomes Ribeiro, 16-39 – Altos da Cidade
Tel: (14) 9 9793-9329

“Numa definição simples, caratê é soco e chute”, resume Robinson Batista, 4º dan, 50 anos, e professor da arte há 20. Ele explica que o diferencial do caratê é que não é preciso se aproximar tanto do adversário para se defender ou contra-atacar. “O nome correto da arte é karate-do, que significa ‘caminho das mãos vazias’. E isso tem dois significados: o primeiro é que você luta sem nenhuma arma e o outro tem um sentido mais filosófico que é o vazio do egoísmo e sentimentos que prejudicam a pessoa”, ensina Robinson. O professor conta que o mais novo de seus alunos tem dez anos e o mais velho 76. A respeito das motivações, ele acredita que a competição e o desejo de testar a si mesmo são o maior combustível. “Mesmo não competindo, você está testando suas limitações físicas e psicológicas”, afirma Robinson.



Carolina Seiko

Tradição e união

Os principais eventos da comunidade japonesa de Bauru aproximam gerações, culturas e amizades

por Carolina Seiko

Bandeiras do Brasil e do Japão ao vento e... peixes voadores? Hasteados ao centro do campo de futebol estão os koinobori, as bandeiras em forma de carpas que simbolizam uma festa japonesa em andamento — é dia de Undokai!

Anualmente, entre o fim de abril e início de maio, acontece o Undokai, no Recanto Tenri, na saída da cidade, sentido Piratininga. A 62ª edição do evento, realizada em 28 de abril de 2013, reuniu um público de quatro mil pessoas. Sob um céu aberto, a gincana começa. “A maior novidade foi o tempo bom, porque em 2011 choveu e em 2012 também. Então, hoje veio muito mais gente” comemora Maria do Carmo Monteiro Kobayashi, integrante da comissão organizadora do Undokai. Ela explica que a gincana é a festa do aniversário do imperador do Japão e que lá o evento é feito em escolas. “Aqui no Brasil tem mais um sentido de coletividade, participação e organização, que é o mote de vida do japonês”, observa.

A família de Kioko Mori, 76, participa todo ano. Nascida no Japão, na província de Fukushima, ela chegou ao Brasil com

18 anos e morou em Lins até se casar. “O Undokai está quase igual. Antigamente eu corria junto, mas já foi a idade!”, comenta a animada senhora. Para ela, a participação dos não descendentes é crescente. Encostado no capô de seu carro, Iochio Wassano, 67, tranquilamente toma uma cerveja com seu irmão Toshio, 62. Morador de Piratininga, Iochio conta que quando frequentava o Undokai de Duartina, na década de 70, via a gincana como algo mais restrito à colônia japonesa. “A miscigenação era pequena, agora tem bastante. O evento servia para aproximar os moradores de cada região”, relembra.

Sem ascendência nipônica, Fernando, 41, e Flávia Marsola, 39, prestigiam o Undokai pela primeira vez. Ele revela que ficou sabendo da gincana pelo rádio e, aproveitando o belo dia de sol, resolveram participar também com os filhos. “Levei um tomboço em uma das provas, naquela da sandália de madeira! É difícil sincronizar!”, comenta Flávia rindo. Fernando diz que se sentiu acolhido pela comunidade nipônica e define o Undokai como uma reunião de pessoas com



Carolina Seiko

Ao som dos hinos nacionais dos dois países, as bandeiras são hasteadas, dando início às atividades



Felipe Godoy

o desejo de compartilhar o momento com a família e os amigos. “É um evento que funciona, em que todo mundo participa e é agradável. Esse é o espírito deles”, resume.

A gincana dura o domingo inteiro, com provas para crianças, adolescentes, adultos e idosos. Incluem brincadeiras conhecidas, como cabo de guerra e corrida de saco, mas outras com uma “pitada japonesa”, como a prova de pegar grãos soja com *hashi* (os pauzinhos da culinária oriental) também são realizadas. No cardápio da festa encontram-se pratos como pastel, espetinho e cocada, além do típico *yakisoba*. Durante a pausa para o almoço acontecem ainda apresentações do grupo de *taiko* do Clube Nipo e de danças folclóricas japonesas. Artigos ligados ao país do sol nascente estão à venda no Undokai: são camisetas, CD’s, canecas e objetos de decoração. E

o pessoal que veio para trabalhar vem de longe: Ho Yueh Wei, 43, é de Marília e há 10 anos participa de eventos ligados à cultura oriental na região. Nesse dia, durante o Undokai, ela afirma a repórter que também estaria na Festa da Cerejeira em Garça. E não deu outra, em julho, ela estava lá: trabalhando forte e contente.

Guilherme Mitsuo, 22, observa que a participação mais intensa dos descendentes de japoneses, como ele, é no Undokai. “Sempre convido minha família e alguns amigos de outra cidade”, conta. Para o jovem, a importância do evento está na divulgação da cultura. Maria do Carmo revela que os preparativos para a gincana começam com três meses de antecedência e que também conta com a ajuda de patrocinadores. “Se a gente conseguir fazer com que todo mundo participe é o que importa”, afirma.

Aproveitando a parada para o almoço, o público assiste às apresentações de *taiko* e de danças típicas



Carolina Seiko

“É um evento que funciona, em que todo mundo participa e é agradável. Esse é o espírito deles”

Fernando Marsola sobre o Undokai e a colônia japonesa



Fotos: Felipe Godoy

Provas da gincana incluem a participação de todas as faixas etárias



Não tem a ver com Finados

Outra festa típica da comunidade japonesa, realizada pelo Clube Nipo de Bauru, é o Bon Odori. “Nessa festa, comemoram-se os falecidos. Mas não é como Finados, pois o jeito de se pensar é outro”, explica Maria do Carmo Monteiro Kobayashi. A festa tem origens budistas e acontece todo ano no segundo sábado de agosto. “Para agradecer aos antepassados, dançava-se dentro dos templos budistas no Japão”, conta Hiroshi Tsumura, 71, um dos organizadores do Bon Odori de 2013. Ele conta que antigamente usava-se tambor, flauta e as pessoas cantavam. “As danças representam o plantio, a colheita, a pesca. Todos os movimentos remetem ao Japão antigo”, esclarece. Hiroshi confessa que hoje a festa já não é tão vinculada ao Budismo e que os principais objetivos são a lembrança e gratidão aos antepassados. Em Bauru, o Bon Odori é realizado pelo Clube Nipo há mais de 50 anos e reúne um público de, em média, 2500 pessoas.

Com o marido e a filha, Márcia Gouveia, 44, prestigia o Bon Odori pela primeira vez. A acupunturista morava em Guararapes, região de Araçatuba, e conta que, lá, frequentava eventos como o Bon Odori. “O que mais chama a atenção é a união da comunidade nipo-brasileira”, opina. Márcia diz que, por causa de sua pro-

fissão, pesquisa e aprecia muito a cultura oriental. O estudante Lucas Martins, 24, que estava com um grupo de amigos, diz que apenas um atrativo os traz ao Bon Odori. “A gente vem aqui por causa da comida. Na primeira vez, viemos porque um amigo nosso nos convidou”, revela. Depois de dançar, Lourdes Tamura, 66, fica tímida e fala rápido: “eu gosto de participar de tudo, fazer serviço voluntário, dançar, cantar. E toda terça-feira (*no karaoke*) tem comes e bebes. A família gosta!”.

Não apenas pelo quimono que vestia, mas pelos os olhos levemente puxados, Amanda Mori, 23, confessa sua ascendência nipônica. “Meu vínculo (*com o Bon Odori*) é por causa da minha família, mas se eu não fosse ‘japonesa’ eu com certeza iria gostar também”, garante a jovem, que participa da dança desde criança, quando era trazida pelos avós japoneses. Entre a multidão que dança com roupas típicas, é difícil enxergar alguém sem “cara de japonês”. Mas, com esforço, Daniele Tacconi, 22, e seu namorado são avistados. O casal participa pela primeira vez da festa, a convite de amigas. “Adoramos o evento! A gente sempre ouve falar, aí hoje surgiu a oportunidade e deu certo. Nem ensaiamos, mas entramos na dança! Eu gosto das comidas orientais também, o *yakisoba* estava muito bom”, conta a estudante.

Quer entrar na dança? Veja algumas opções de lazer na região

12º Japan Fest Marília

De 3 a 6 de abril
A 103 km de Bauru
Contato: (14) 3433-4187

7ª São Carlos Matsuri

De 17 a 18 de maio
A 155 km de Bauru
Contato: (16) 3373-2700
(ramal 216)

28ª Festa da Cerejeira - Garça

De 4 a 6 de julho
A 72 km de Bauru
Contato: (14) 3415-0975

7ª Semana da Cultura Japonesa - Lins

De 3 a 10 de agosto
A 109 km de Bauru
Contato: (14) 3522-3855

34ª Festa das Flores e Morangos - Atibaia

De 5 a 28 de setembro
A 324 km de Bauru
Contato: 0800 555 979



Carolina Seiko

Faça elevar o otaku em seu coração!

A nova página da cultura pop japonesa

por Carolina Seiko

Uma geração teve sua infância marcada por tardes em que Seiya e seus companheiros Cavaleiros lutavam para salvar a reencarnação da deusa Atena. “Nossa, mas o que é isso?!” você pode ter se perguntado. Essa é uma pequena descrição de uma das animações responsáveis pelo *boom* da cultura *pop* japonesa no Brasil no início dos anos 90. Animes, como são chamados esses desenhos animados, são narrativas geralmente baseadas em mangás, que por sua vez são as histórias em quadrinhos japonesas. E o gosto por esse tipo de narrativa não é restrito a crianças ou adolescentes, pois grande parte dos *otakus*, os amantes dessas histórias, é composta por jovens adultos. “Os animes são para públicos de todas as idades, alguns são mais para crianças, outros para adultos. Isso eu acho muito interessante lá no Japão que não tem aqui. Aqui a gente tem novela”, opina Raul Cecílio, 19, cartorário. Antonio Ferracini, 20, é balconista de farmácia e faz *cosplay* em eventos voltados para o mundo dos animes e mangás (*saiba mais ao lado*). Para ele, as histórias são tão boas quanto as de filmes. “Hoje existem animes com tema policial e de terror, por exemplo. Já não é mais aquele desenho em que todo mundo acaba feliz”, afirma.

Em Bauru, anualmente acontece o Anime Union, evento organizado pelo “GOA – Geek’s & Otakus Alliance”. E da mesma forma que outros grandes como Anime Friends e Anime Dreams trazem atrações que abrangem temas que vão além de mangás e animes, a edição de 2013 do evento bauruense também ofereceu espaços para competições de *games*, RPG, mesas para card games, além de stands com produtos voltados para esse público. Cassio Del Matto, 23, um dos organizadores do Anime Union, estima que 3 mil pessoas compareceram ao evento.

E foi assim, meio de carona, que Thalita Barboza, 21, embarcou nesse universo. “Eu coordenava uma sala temática sobre Harry Potter durante a segunda edição

do Union. Eu já conhecia e assistia alguns animes, mas não era tão envolvida quanto agora”, conta a estudante. Ela confessa que prefere assistir seriados e que adora mangá. “Ele é mais detalhado e dá para ler em qualquer lugar, como no ônibus”, explica. Thalita acredita que ainda existe muito preconceito com os *otakus*, pois muitas vezes são vistos como *nerds*, pessoas apegadas a apenas um assunto.

Tanto para organizadores quanto para frequentadores, eventos como o Anime Union, no interior, enfrentam desafios para se consolidarem e atraírem mais o público. “Bauru tem um espaço e um público bacana, o que falta mesmo são recursos para as pessoas organizarem eventos aqui. Você consegue usar uma escola ou o Teatro Municipal, mas

esses não são espaços ideais para um evento como esse”, avalia Raul que também já foi organizador do Anime Union. Já para Antonio, o problema vai além. “Você vai num evento grande e acha um monte de gente da região de Bauru e Marília. Então tem potencial, só falta divulgar”, opina.

De cabeça no universo otaku

Onde encontrar roupas e outros artigos

Game Play Store

End.: Rua Henrique Savi, 15-55
Vila Nova Cidade Universitária
Bauru Shopping – Térreo
Tel.: (14) 3245-3027

Otaku Ponto – Loja Virtual

www.otakuponto.com

The Joker

End.: Av. Rodrigues Alves, 7-7
Shopping Center 7 – Box 13
Cel.: (14) 99834-8290

Carolina Seiko



Homenagem e identificação

“Toda criança quer ser o herói do desenho que assiste”, afirma Antonio Ferracini. E é assim que ele dá vida ao seu personagem favorito, fazendo o chamado *cosplay* – vestir-se como um herói ou vilão de algum universo fictício, não necessariamente de anime ou mangá. Há quem queira apenas se divertir e prestar uma homenagem ao personagem, mas existem competições mundiais para eleger os melhores *cosplayers*. Antonio conheceu o universo dos animes e mangás quando foi a um evento, convidado por um amigo, onde se interessou pelo *cosplay* e também por Fullmetal Alchemist, anime de seu herói favorito, Edward Elric.

“Acabei deixando o cabelo crescer e até peguei algumas manias dele, ficando cada vez mais parecido com o personagem”, conta o *cosplayer*. Ele explica que existem lojas especializadas em materiais e até roupas prontas para alguns personagens mais em alta, no entanto, seu custo é elevado. Por conta disso, Antonio opta por fazer as próprias roupas do *cosplay*. “Fui me aperfeiçoando e a cada roupa diferente que eu faço, melhoro um pouco mais. Hoje, alguns colegas de eventos até me pedem para fazer ou ajudar a confeccionar roupas, armas ou armaduras para irem a convenções”, revela.



Carolina Seiko



A longa estrada da fé

De origem japonesa ou não, religiões se adaptam para melhor acolher a comunidade nipônica da região

por Felipe Godoy

Além da dedicação à carreira e à família, os japoneses também são muito centrados no que diz respeito à fé. Não apenas as religiões com origem no Japão, após a imigração, alguns nipônicos abraçaram doutrinas ocidentais, enquanto outros mantiveram-se firmemente agarrados às tradições.

Situado na Vila Independência, o imponente templo da igreja Tenrikyo, serve como ponto de encontro para boa parte da comunidade japonesa de Bauru. Fundado há mais de 60 anos, o templo é a sede missionária da religião no Brasil. “Além da sede, aqui na cidade tem a igreja local também, onde são realizadas algumas atividades como o judô, com as crianças, a escola de língua japonesa e também os ensaios de uma banda infanto-juvenil. Através dessas atividades acaba havendo uma interação maior com a comunidade e cresce o interesse de pessoas que não são descendentes”, explica Sérgio Mitsuo Ishikava, colaborador da Associação dos Estudantes da Tenrikyo. Ele revela que a Tenrikyo tem se esforçado para se aproximar da realidade dos brasileiros, “procuramos seguir o plano de atividades realizadas no Japão, mas aqui no Brasil é totalmente adaptado às nossas condições. Ainda assim existe uma parte das orações que é feita em japonês, seguindo um pouco das tradições”.

Ligados ao oriente

Telma Dias Bergamo Cantini, responsável pela igreja Seicho-No-Ie (SNI) em Bauru, conta que a religião está presente na cidade desde a década de 60, mas que no início era freqüentada apenas por japoneses e descendentes devido às dificuldades de comunicação. “A Seicho-No-Ie se iniciou no Brasil graças a dois irmãos imigrantes, Miyoshi e Daijiro Matsuda, que partindo de Duartina divulgaram o ensinamento indo a cavalo às colônias japonesas da nossa região. Então a ligação e a presença da SNI devemos aos



Com uma arquitetura carregada de simbologia, o templo da Igreja Tenrikyo não está alinhado ao terreno, o que faz com que se sua entrada esteja sempre voltada para o nascer do Sol

japoneses”, esclarece Telma.

Assim como Telma, o electricista Alberto Curizzi também escolheu uma religião de origem oriental: o Budismo. Ele explica que, apesar de ser muito associado ao Japão o Budismo não tem origem nipônica. “O Budismo nasceu na Índia no século VI a.C, com Siddhartha Gautama. Depois ele se propagou para a China, de lá para o Japão e do Japão para o mundo”, esclarece. Alberto diz que da mesma forma que a SNI, o Budis-

mo se restringia aos japoneses por causa das barreiras linguísticas, mas que o panorama atual é outro. “Foi se abrindo, se abrindo, se abrindo e hoje tem mais ocidentais que orientais na nossa organização. Porque a prática budista não visa um setor, é para toda a humanidade. Os japoneses que vieram pra cá visavam a propagação do budismo para toda a humanidade”, relata Alberto, que integra a Brasil Soka Gakkai Internacional (BSGI), organização embaçada na filosofia budista.

“A prática budista não visa um setor, é para toda a humanidade”

Alberto Curizzi,
membro da BSGI

Jeitinho japonês

Nascida a partir da influência de um pastor metodista do Japão, a Igreja Evangélica Holiness chegou à cidade na década de 50, trazida por uma família que integrava a igreja em Guararapes, distante 207km de Bauru. Situada em frente a sede do Clube Cultural Nipo Brasileiro de Bauru, a Holiness não demorou a se integrar a comunidade nipônica da cidade. “O nosso relacionamento com o Clube Nipo iniciou-se imediatamente à nossa chegada, principalmente através do grupo de karaokê”, conta o pastor Mitsuo Namba.

A história da Igreja Aliança Cristã e Missionária Brasileira é mais recente. Presente em Bauru desde 2002, a Aliança vêm se aproximando da comunidade nipônica. “Mesmo não tendo pregações em japonês, alguns japoneses tem criado uma identidade por sermos descendentes. E também somos conhecidos pela culinária japonesa”, conta o pastor Celso Nakamae.

Ligada à Igreja Católica, a Pastoral Nipo-brasileira (Panib) da Diocese de Bauru tem como objetivo “orientar e fazer o apostolado, ensinando e preparando os jovens e adultos de origem japonesa no Brasil para o batizado, crisma e matrimônio”, explica Hiroshi Tsumura, um dos coordenadores da Panib-Bauru. A Pastoral também se aplica em cumprir sua função social. “Ajudamos as entidades como a Creche Pingo de Gente, Seminário de Agudos e algumas famílias de descendentes japoneses que estão em dificuldades financeiras ou sociais”, completa.

Culto ao natural

No ano de 1963, através da iniciativa de Massakita Beppu de se fazer um culto ao bicho-da-seda, surgiram os primeiros indícios da religião xintoísta na região de Bauru. Dez anos mais tarde inaugurava-se o templo da Igreja Paulista Jinja, localizado no município de Avaí. “Desde então, num ato contínuo, todos os anos nos meses de julho faz-se a celebração do culto ao bicho-da-seda e do culto aos nossos antepassados”, revela Massashiro Yanagiwara, membro e colaborador da igreja.

Com uma origem que se confunde com a do próprio povo japonês e podendo ser definido como culto aos deuses da natureza, o Xintoísmo baseia-se numa mitologia panteísta, com inúmeras divindades que atribuem valor sagrado a todos os elementos da natureza. “Outra característica do Xintoísmo é a harmonia com a natureza. O praticante busca se familiarizar e se integrar com ela, num comportamento simbiótico de onde ele tira seu sustento, mas também deve retribuir”, complementa Massashiro.



Fotos: Arquivo da Igreja Paulista Jinja

Em ocasiões especiais é feito o carregamento do *Omikoshi*, uma réplica do templo que deu origem ao Xintoísmo no Japão e que, para os fiéis, simboliza a presença de Deus



Fachada do templo da Igreja Paulista Jinja, na cidade de Avaí, localizada a 24 km de Bauru

Uma questão de costume

Do gosto pelo forró à culinária, eles tiveram que se adaptar a tudo que dizia respeito ao outro para se manterem juntos

por Carolina Seiko e Felipe Godoy

Por obra do acaso Iochio Tadano, 53, conheceu, há quase trinta anos, Rosalinda de Moraes Tadano, 52, aquela que viria a ser sua companheira durante todo esse período. Hoje, junto a três filhos e dois netos, eles formam uma família numerosa, que nos acolheu para uma conversa onde procuramos expor as semelhanças e as particularidades desse casal que carrega hábitos próprios de culturas bem diferentes.

Como vocês se conheceram?

Iochio - Eu conheci a Rosalinda lá na “terra do nordestino”, que é São Paulo. Eu fui para São Paulo para trabalhar e Rosalinda também veio do Nordeste para isso.”

Rosalinda - Tem uma história interessante: eu trabalhava numa loja que vendia porcelana e, no final do ano, ele foi comprar um jogo de pratos para a mãe dele, era um presente de Natal. Foi quando a gente se conheceu, porque eu atendi ele. Daí, a gente começou a conversar, ele me chamou para tomar café e pronto, foi assim que a gente se conheceu... através do jogo de pratos da mãe dele.

I - É que ela escreveu o telefone dela no pacote do embrulho! (risos)

R - Eu risquei de leve, bem de leve no pacote, mas dava para ele ler!

E como vocês vieram para Bauru?

R - Ainda ficamos mais ou menos um ano em São Paulo depois que nos conhecemos.

I - A minha família é de Bauru, só fui à São Paulo para trabalhar, depois voltamos para cá em 1985, porque ela estava grávida da Érika (primeira filha do casal).

R - Então casamos aqui.

E quais foram suas primeiras impressões um do outro?

I - Pra mim, a Rosalinda foi o primeiro envolvimento com uma pessoa nordestina. Foi um negócio totalmente às avessas. Foi um choque, assim, talvez até de cultura, porque éramos muito diferentes. Eu era do interior e tinha uma formação oriental e rígida, coisa da nossa época mesmo.



O microempresário Iochio e a cabeleireira Rosalinda estão juntos há quase 30 anos

R - Eu era diferente, gostava de dançar, de forró. Ele, desde o comecinho do casamento, tentava balançar, sacudir, quando tinha uma festinha. Mas ficava meio assim, né, de um jeito estranho. Lembro quando a gente fazia as festinhas familiares, eu colocava um sonzinho de forró... Eu sempre procurava dançar, porque era a minha cultura, meu jeito de escutar e dançar o forró, mas o Iochio não curti muito. A minha irmã que transformou mais o pessoal da família dele, porque antes eles eram mais fechados em tudo. Mas eu também acabei entrando um pouco no ritmo dele, que é mais tranquilo, mais de ir para o serviço e ir pra casa.

I - Mas uma parte bem legal e destacada é que, quando a gente começou a se conhecer, houve um choque de cultura em tudo. Ti-

nha comida que a família dela comia que eu ficava: “nossa, eu não vou comer isso aí! Uns negócios de pé, pescoço e cabeça de frango – passei por tudo isso aí! E tinha valores que para ela valia uma vida e que pra mim não valiam nada e vice-versa... Nós dois tivemos que nos adaptar para manter uma vida. Às vezes, falando hoje, até parece brincadeira, mas foi um negócio muito difícil. Cada um teve que entrar com 50% de guardas baixadas, porque as diferenças culturais eram muito grandes.

R - Antes de conhecer mais o Iochio, eu não pensava tanto na cultura japonesa, só sabia que sentia atração por oriental, mas não me ligava muito no que ia ser o convívio com a cultura. Só que, depois, eu estranhei também, nem tanto pela comida, pois a gente foi buscando mais as coisas brasileiras.

Depois que vocês vieram para Bauru, como foi a apresentação dela para a família?

I - Quando nós viemos pra cá, a Rosalinda já tinha um filho, que é meu enteado. Na época, eu até esperava que houvesse, talvez, uma rejeição por parte do meu pai e da minha mãe. Então, quando eu vim aqui, eu já vim dizendo: “olha, não vim pedir para que vocês aceitem a Rosalinda, eu vim comunicar que estou casando com ela. Se vocês não quiserem mais que eu venha aqui de agora em diante, então pronto, daqui eu saio, mas eu quero viver com essa mulher”. Eu não fui querendo que eles abençoassem ou compreendessem. Felizmente, a acolhida foi ao in-

verso, de prontidão eles aceitaram, diferente do que eu esperava.

R - Eu estava nervosa até então por se tratar do meu futuro. E no começo, os costumes diferentes eu estranhei quando vim conhecer a família dele aqui.

Com um certo tempo de convivência, quais hábitos vocês adquiriram um do outro? Teve essa troca?

R - Eu comecei a comer mais verduras, antes eu não comia muito nem sabia preparar, não tinha esse costume, eu aprendi com ele.

I - Eu fazia a minha comida! (risos)

R - Olha a diferença: a minha comida é seca e a dele é molhada. Eu coloco farinha, essas coisas!

I - Para tirar a timidez, a gente entrou no clima deles, fomos para a pista de dança pra brincar e tudo, meio sem jeito, meio levando bronca, meio de qualquer jeito, mas a gente foi!

R - Mas demorou bastante tempo! Daí que eles vieram para esse lado, para se integrar na cultura de dançar forró. Ele fez até curso de dança.

I - Como a gente disse, em relação à comida, a gente fica no meio termo. Mas até ela, talvez, depois de tanto falarmos "ai credo, tenho nojo, não quero comer!", também começou a ter um certo receio de comer determinadas coisas. Agora, quando ela junta com algum conterrâneo dela, aí come.

R - É, quando estou só com eles aqui, tenho que colocar os pés do frango para lá. Mas quando minha irmã vem, aí eu como!

Vocês demoraram ou tiveram alguma dificuldade para se acostumar com algo da família um do outro?

I - Ah, até hoje tem coisa difícil de ela aceitar: o meu jeito de me expressar, o meu jeito de respeitar o outro, para ela, dependendo, já é pra brigar e o caramba a quatro. Tem coisa que para mim não compensa brigar. É o meu jeito ser mais calado, relevar muito... Eu sou do tipo que pensa muito para falar. Mas a Rosalinda é mais do tipo que fala primeiro. Mas é coisa da cultura, cada um com um jeito de se expressar.

Em relação à educação dos filhos, o que vocês procuraram passar?

I - Eu tentei passar mais a cultura japonesa, mas, do que eu tive de aprendizado, eu consigo passar só 50% para os meus filhos, porque 50% vai vir do lado dela. Acredito que houve um equilíbrio até bom, porque as crianças podem se expressar do jeito que



Fotos: Carolina Seiko

Com três filhos, dois netos, uma nora e dois mascotes caninos, o casal Tadano tem casa cheia todo dia

quiserem, se calar no que devem e se elas quiserem se expressar ou falar de um jeito mais aberto, que é o lado que vem da Rosalinda. Eu acho que dessa mistura as nossas crianças só tiveram a ganhar, um lado mais zen e outro lado que age mais. Mas além disso, cada criança nasce com um jeito diferente.

Vocês participam de alguma atividade do Nipo ou de outra comunidade japonesa aqui em Bauru ou região?

I - A única atividade que participamos do Nipo é o Undokai.

R - Desde que nós viemos para cá participamos, já faz uns 28 anos.

I - Quando as nossas crianças cresceram, a gente até se distanciou um pouco, aí veio a nora, os netos, daí volta outra vez para o Undokai, mais por causa dos netos. Lá é um piquenique gigante!

te! A gente gosta de fazer *obentô* (uma espécie de marmitta japonesa), de fazer comida e levar... Principalmente eu.

R - É que a comida dele é melhor, eu lavo a louça.

Nas horas livres, quando estão juntos, o que mais gostam de fazer para passar o tempo?

I - A gente já gostou muito de ir em bailes,

fizemos até parte de uma associação de bailes aqui em Bauru, mas hoje...

R - É assistir televisão! Acredito que a maior parte do tempo foi mais isso, a fase de bailes foi por pouco tempo. Hoje é mais ficar em casa.

I - Eu adoro andar de moto, mas quando ela está trabalhando, eu vou andar de sábado à tarde.

R - Às vezes a gente sai para tomar um lanche, mas vai a família toda.

I - De final de semana a gente sai para almoçar, para andar no shopping... Hoje em dia eu sou mais de ir no shopping do que pescar... Eu não gosto muito de pescar, mas gostava de andar com a galera pescadora, junto com meu irmão.

O que mantém vocês unidos até hoje, depois de 28 anos de casados?

I - Acho que é a falta de dinheiro, hein? (risos)

R - Ou a promessa que eu fiz, de casar e nunca largar ele!

I - Mas falando sério, eu acredito que é preciso ter companheirismo e o entendimento, porque em relação nenhuma ambas as partes gostam igual. Alguém tem que gostar muito e relevar muito. Eu acho que enquanto existir respeito, carinho e amor de uma das partes, o negócio continua em pé.

Qual é a melhor e pior parte de estar casada com um descendente de japonês?

R - A melhor parte é que ele é muito família e caseiro. A parte mais difícil, pelo menos no começo, para mim, era o jeito calado dele. Até

quando a gente brigava eu brigava sozinha, e isso eu achava ruim, queria que ele brigasse junto.

I - Interferindo um pouco na resposta da Rosalinda, eu acredito que a mulher com tradição mais brasileira casa com um descendente de oriental também pela estabilidade financeira, a mulher não precisa esquentar muito com essa parte.

R - Não é que ele era rico nem nada, mas talvez a gente pense nesse lado em ter uma pessoa honesta e trabalhadora, uma segurança.

I - Falando de modo geral, o nipônico é bastante centrado para trabalhar. Até por causa disso, a gente até fica meio mal, centra muito a responsabilidade no serviço, em gerir a casa.

E você, Iochio, acha que ela fez um "bom negócio" casando com você?

I - Ah, eu acho que não... Mas o que a vida pode proporcionar a nós, eu acho que isso não mede em termos de felicidade. Mas dentro do contexto que nós temos, poderíamos ir muito mais longe, mas acredito que vivemos relativamente em paz e de modo tranquilo. Quando eu conheci a Rosalinda, o primeiro filho dela estava com um ano, mais ou menos. Em momento algum, ele, o Igor, deixa de ser meu filho. Não tem jogo fechado nenhum, ele sabe que ele tem o pai dele. Eu acho que eu o adotei como filho e ele me adotou como pai. A gente nem usa o termo enteado. Mas amanhã, talvez, se você me perguntar, "você faria tudo outra vez?". Creio que sim. Talvez eu estava atrás de novas emoções, por isso não casei com uma japonesa.

“Foi um negócio totalmente às avessas. Foi um choque, éramos muito diferentes”

Iochio Tadano

Sabor diferente

Uma história com tempero caseiro e suave

por Carolina Seiko

Por meio de amizades com descendentes de japoneses quando criança, Marcus Molina, 39, iniciou sua relação com a culinária japonesa. “Sempre frequentei as casas deles e sempre comi coisas que as pessoas achavam estranhas. Quando eu tinha doze anos, nenhum ‘brasileiro’ sonhava em comer *sushi*. E eu estava lá, na casa da *baa-chan* (forma carinhosa de tratar a avó) e ela fazia *sushi* do jeito mais tradicional”. Aos 23 anos, Marcus começou a trabalhar como garçom no restaurante em que hoje é sócio proprietário e, conforme o tempo passava, ele aprendia a fazer os pratos que eram servidos. Nessa época, Marcus lembra que a culinária do restaurante era bem caseira, com o foco em comidas quentes como o *teishoku*, um prato que serve um pouco de tudo, como *tempura*, *sashimi*, peixe grelhado, *tsukemono* (conserva de legumes), *gohan* (arroz) e *sushi*.

Em busca do negócio próprio, ele deixou o restaurante depois de sete anos, mas, passados mais cinco, retornou, através da sociedade com o filho de um dos fundadores, que resolveram vender o restaurante para poderem descansar. Marcus conta que a maior parte dos pratos quen-

tes manteve a forma de preparação. “O que mudou bastante foi o *sushi*, que hoje a gente tem que adaptar por causa do público brasileiro”, explica. Juntamente com os outros sócios, Marcus busca novas opções nas capitais brasileiras e inclusive no Japão, para criar pratos ou aprimorá-los. Além disso, a experiência dos funcionários também é considerada para chegarem a um consenso sobre uma nova receita. “Lá no Japão, a maioria das comidas é bem doce, e a gente não vai conseguir que o brasileiro se acostume com isso. Então no *sukiyaki*, por exemplo, é preciso mudar o tempero”, revela.

A culinária japonesa, como explica Marcus, é caracterizada pelo toque suave, com pouco sal ou outros condimentos. No lugar, usa-se muitos temperos baseados em caldo de peixe. “Todo ano, a gente recebe um certo grupo que vem do Japão e eu praticamente corto o sal por inteiro e mesmo assim eles acham que está salgado”, conta. Sobre as preferências dos não descendentes de japoneses, Marcus garante que são pelos pratos quentes. “Tem pessoas que não comem *sushi* bem, mas comem uma chapa de filé, o *teppanyaki*, que depois do *yakisoba* é o que tem mais saída” afirma.



Fotos: Carolina Seiko

Receita de Sukiyaki da dona Kazue

Ingredientes:

- ◆ 500 gramas de contra filé (ou alcatra) cortado em tiras
- ◆ 500 gramas de macarrão para udon
- ◆ 500 gramas de tofu cortado em cubos
- ◆ 2 cenouras médias
- ◆ 1 cebola média (cortada em tiras ou rodelas)
- ◆ 400 gramas de cogumelo do tipo shiitake seco (deixar de molho em água duas horas antes de usar)
- ◆ 8 folhas de acelga
- ◆ 1 maço de cebolinha cortado em pedaços grandes
- ◆ 250 gramas de kamaboko ou tikuwa (massa de peixe)
- ◆ 250 gramas de moyashi (broto de feijão)
- ◆ Brócolis (a gosto)
- ◆ Couve-flor (a gosto)
- ◆ Salsão (a gosto)
- ◆ Agrião (a gosto)

Modo de preparo:

Para preparar o molho junto, em uma panela, o shoyu, o saquê, o açúcar e uma xícara de água até ferver e reserve.

Cozinhe previamente o macarrão de udon, por pelo menos seis minutos, e deixe-o reservado. Antes de adicioná-lo aos outros ingredientes, lave-o para desgrudar.

Em uma frigideira bem larga ou do tipo wok, coloque 2 colheres de manteiga ou margarina. Aqueça a frigideira e coloque aos poucos a carne, temperada de preferência bem suavemente. Deixe dourar e acrescente um pouco do molho reservado. Em seguida, adicione a cenoura cortada em tiras, a cebola e mais um pouco do molho. Adicione os demais legumes, a massa de peixe, o cogumelo, o macarrão e o tofu, intercalando com restante do molho. Tampe a frigideira para abafar até os ingredientes cozinharem. Sirva em pequenas tigelas e, se desejar, coloque um ovo cru antes de colocar o *sukiyaki*.

Ingredientes para o molho:

- ◆ 4 colheres (sopa) de açúcar
- ◆ 1 xícara (chá) de saquê (do tipo tozan ou mirin)
- ◆ 1 xícara (chá) de shoyu
- ◆ 2 colheres (sopa) cheias de hondashi (tempero a base de peixe seco moído)
- ◆ 1 colher (café) de glutamato monossódico



Não fique só na vontade!

Edomae Sushi Bar

End.: Av. Nações Unidas, 29-90 - Vil. Universitária

Japapou Sushi Bar Temakeria

End.: R. Capitão Gomes Duarte, 23 -80 Vila Nova Cidade Universitária

Jin Jin Wok

Unidade 1 - R. Henrique Savi, 15 - Bauru Shopping - 2º. Piso - Vl. Cidade Universitária

Unidade 2 - Rua Marcondes Salgado, 11-39 - Boulevard Shopping Nações 3º Piso - Chácara das Flores

Kanpai Restaurante Cozinha Japonesa

End.: Av. Nossa Senhora de Fátima, 10-75 - Jd. Estoril IV

Kiolin Lanches e Petiscos

End.: Av. Castelo Branco, 3-67 - Vl. Independência

Kozan Restaurante Japonês

End.: Al. Dr. Octavio Pinheiro Brisolla, 15-47, Vl. Nova Cidade Universitária

Payakan Petiscaria

End.: Rua Alto Acre, 3-10 - Bela Vista

Restaurante Essência Oriental

End.: Rua Joaquim da Silva Martha, 20-50 Vila Universitária

Restaurante Oriental Noboru

End.: Rua Bartolomeu de Gusmão, 7-39 Jd. América

Restaurante Tokyo

Unidade 1 - Praça Rui Barbosa, 2-48 Centro

Unidade 2 - End.: R. Rio Branco, 22-47 Vl. América

Sin Tae Cozinha Asiática

End.: Rua José Antonio Braga, 2-77 Vl. Aviação

Sumiai Gastronomia Oriental

End.: R. Neder Issa, 2-60 Vl. Guedes de Azevedo

Taru Gold

End.: R. Chain Mauad, 1-39 - Vila Regina

Yakisushi

Unidade 1 - R. Henrique Savi, 15 Bauru Shopping - 2º. Piso

Unidade 2 - Rua Marcondes Salgado, 11-39 - Boulevard Shopping Nações 3º Piso - Chácara das Flores

Yoi! - Rolls & Temaki

End.: R. Júlio Maringoni, 12-25 - Loja 15 Jd. Nasralla